

## NOTAS SOBRE A(S) TRADIÇÃO(ÕES): A PLURALIDADE COMO PARTILHA (APRESENTAÇÃO)

Fábia Mônica Souza dos Santos<sup>1</sup>

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v8i1.55126>

Ao contemplar os textos da 15ª edição, me senti convidada a refletir sobre esse momento como um divisor de águas, quase um rito de passagem, e toda a energia por detrás dos efêmeros significados que tangenciam nossos ciclos terrenos e divinos. Mas talvez nem tão efêmeros assim...

No final do primeiro semestre de 2017, foi lançado o número inicial da Revista Calundu. Até aqui foram 14 edições, totalizando 142 textos, entre apresentações (14), artigos (72), textos livres (38), resenhas (3) e seções especiais (15). E muito vem sendo trilhado nesse percurso.

Há exatamente sete anos foi lançado o primeiro número da Revista. Justamente por isso me vi instigada a revisitar todos os textos dos editoriais de apresentação da Revista Calundu até o presente momento, pois acredito que esse caminhar seja uma retrospectiva necessária nesse ciclo que se completa agora. Seja pela amplitude e qualidade dos “artigos acadêmicos”, seja pela abertura de um espaço ainda tão escasso dentro dos periódicos nacionais, como o dos “textos livres”. Ou ainda pelos ecos que vão reverberando nos enfrentamentos aqui compartilhados.

De lá pra cá, os editoriais vêm sendo apresentados ora por integrantes *originários* do Calundu como Grupo de Estudos (desde 2016) e depois como Revista (desde 2017), ora por convidados externos, colaboradores e pessoas que vão chegando e querendo *girar* por aqui - como é o meu caso, que aportei por aqui em 2023 e onde quero seguir.

O primeiro editorial, assinado pela professora Tânia Mara Campos de Almeida, inaugurou com prenúncio de vida farta o que se mostrou terra fértil para tantas e tantos que vem trazendo seus textos por aqui. No número de estreia, inúmeras reflexões fundamentais foram trazidas em nome dos integrantes do Calundu, entre elas uma crítica contundente às exclusões, fragmentações e aos silenciamentos produzidos pelo/no

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense (UFF), E-mail: [fabiamonica@id.uff.br](mailto:fabiamonica@id.uff.br)

ambiente acadêmico, propondo a urgência de um espaço no qual os debates sobre afrorreligiosidade, memória, diáspora, racismo religioso e tantos outros temas fundamentais pudessem ser acolhidos. Em suas palavras, “*ensinamentos de diversas ordens atuarão nas consciências individuais e na memória coletiva, trazendo e enxertando várias possibilidades de expansão dos entendimentos e dos sentidos habitualmente dados às religiões e comunidades afro-brasileiras*” (Almeida, 2017, p.6).

Como wanderson flor do nascimento nos provoca no editorial do segundo número da Revista, “*expandir-se é a ação básica dessas forças primordiais que estruturam ou organizam o mundo*” (2017, p.1). O gesto circular que vem sendo exposto desde lá seguiu se confirmando, tecendo fios de investigações, pertencas e identidades narradas de forma aterrada, situada, rechaçando uma produção de conhecimento neutra e objetificável.

Os editoriais seguintes seguem apontando caminhos possíveis, tensionamentos e fissuras. Destacam a religiosidade como fenômeno individual e coletivo, em especial no que tange às afrorreligiosidades ao mesmo tempo como signos de pertencimento e exclusão. A pretensa democracia racial também vai ser diversas vezes debatida, assim como vão sendo apresentadas/descritas algumas das diversas expressões da afrorreligiosidade, como a Umbanda, o Candomblé (em suas mais diversas tradições), o Tambor de Mina, Culto à Ifá, o Reinado, as diversas Macumbas e Encantarias, os Batuques, Juremas, Calundus domésticos, entre tantos outros cultos e filiações.

A horizontalidade (que tenho experimentado de forma muito marcante nesse tempo desde que cheguei no grupo) tão bem narrada por Adélia Mathias em 2018 segue como expressão cotidiana do jeito de fazer texto por aqui. Como ela lindamente nos brinda, sobre praticar a *com-vivência*: “*temos nos munido diuturnamente com as ferramentas que o mundo acadêmico nos oferece para darmos conta de uma atividade de extrema importância: um olhar desde dentro das comunidades de terreiro, das casas de axé, dos calundus, dos centros espíritas, dos cultos domésticos, para as áreas nas quais atuamos*” (2018, p.2).

“*Somente quem tem história pode contar história*”, já nos disse Nilo Sérgio Nogueira – Tata Kivonda Kis’ange, em 2019. Também é ele que nos provoca a ideia de que “*o opressor ainda não entendeu que quanto mais ele invade e queima um terreiro, mais ele fortalece a forma silenciosa da resistência.*” (p.4).

Como seres sociais e espirituais, Hans Carrillo Guach nos aponta alguns caminhos possíveis em Ifá, ao advertir sobre “*la necesidad de mantenerse constantemente atento a las circunstancias y al necesario desarrollo del buen carácter, para poder lidiar con los*

*conflictos e infortunios causados por los detractores. En segundo, y asociado a lo anterior, ese buen carácter implicaría la construcción de una personalidad propia y positiva, no rencorosa, capaz de sustentar el constante fortalecimiento del carácter y del equilibrio emocional.* (2019, pp.2-3).

Em 2020, o primeiro número temático, apresentado por Dora Barreto - Mãe Dora de Oyá e Beatriz Martins Moura, nos brinda com uma revigorante reflexão sobre mulheres de axé, saberes tradicionais e letramento acadêmico, trazendo de forma generosa a transversalidade de um debate ainda extremamente escasso nas vivências e epistemologias do povo do santo. Falar sobre força, potência e afeto das mulheres no contexto dos terreiros é ousado e transformador. *“Quando uma publicação como essa abre espaço para falar sobre e com essa mulher e, sobretudo, para que essa mulher fale sobre si mesma, evidencia-se que ela, além de esteio da comunidade, é também uma intelectual”* (2020, p.2).

Ainda em 2020, Guilherme Dantas Nogueira vai iniciar a apresentação do seu editorial justamente abordando os dois (e porque não os diversos) Brasis, suas dicotomias e lutas, as tantas interseccionalidades que demarcam os nossos corpos, nossas pertencas e nossas formas de resistência. *“No Brasil, raça, gênero e classe andam juntos e são marcadores do que é nacionalmente entendido como positivo ou como negativo. Como bom e como mau. Como cobiçado e como rejeitado”* (p.1). É justamente sobre isso que a Revista Calundu tem ousado tratar! *“Essa potência de cores, de sabores, de ritmos, de sons, de criatividade; de uma teimosia em permanecer(mos) vivas/os e significativas/os; de gostar de índio, de planta nativa, de coisas daqui – ou aprendidas e (re)criadas por aqui”* (p.2).

O primeiro número de 2021 se propôs justamente a fazer um certo estado da arte do que havia sido posto à prova até então, e o mais marcante desse editorial é justamente o fato dele trazer essa marca da construção viva. Nas palavras do grupo, *“Seguimos, porque calarmo-nos e calarmos, muito além de nossas palavras, nossas expressões, crenças, tradições, herança e riqueza cultural como povo, desde os primeiros Calundus coloniais, nunca foi uma opção”* (p.5).

O segundo número de 2021 foi novamente assinado pela professora Tânia, demarcando mais uma vez a proposta da Revista como veículo para ancoragem de epistemologias decoloniais e críticas ao fazer científico eurocêntrico, já em um momento no qual o percurso trouxe consolidação de um formato plural e cada vez mais amplificado.

O ano de 2022 foi marcado por editoriais que se propuseram, cada um a seu modo, a falar sobre saberes que curam, pensando a complexidade das intercessões possíveis entre os diferentes donos da terra. Por um lado, a necessidade de se olhar para esse país como um território amefricano-ameríndio, os valores ancestrais provenientes das populações originárias do país, como entrelaça André Luís Gomes de Jesus, e por outro a necessidade de considerar o tempo do imprevisto saudável, em que, como nos diz Mãe Keka de Borokun (sob orientação das Sete), “*o desafio está na crença. Assim, nós te convidamos a se curar*”.

Em 2023, o primeiro número traz tecituras que vão além da composição imagética, e como Guilherme Dantas Nogueira sinaliza, as roupagens da memória, indo muito além de um *adornar*, tornando-se uma forma de *con-fiar*. Esse editorial aborda os trajes afro-brasileiros, suas cores, representações, comunicação, reprodução, ritualística. Como ele nos entrelaça, “*há uma linguagem ritual por detrás do bailar de cada inquice, orixá e vodum, sustentando o molejo de cada sambadeira, desfilar o encanto de cada divindade ou entidade e nos ensinando, em narrativas míticas, um pouco do nosso próprio devir coletivo. Os trajes afro-brasileiros adornam esse devir, colorem e mantêm seus fundamentos pulsantes*” (p.2).

Eis que o editorial passado, assinado por Angélica María Rivera López, retoma a importância da gira como pluralidade contínua, justamente a partir da “*comprensión de la sabiduría ancestral de matriz africana y sus enseñanzas más allá de los propios contextos religiosos y en confrontación a históricas satanizaciones y estigmatizaciones históricamente visibles al interior de diversos grupos sociales*” (p.1). Mais uma vez o reconhecimento, com relação aos olhares e saberes que têm aportado por aqui, sobre a valorização da ancestralidade religiosa africana / afrodiáspórica.

Sete anos se passaram, e por aqui ainda há muito o que se revelar como espaço de trocas e produção compartilhada de saberes e fazeres. A atual edição, composta por quatro artigos e cinco textos livres, se consolida nos fazendo pensar na **Arte de Vestir os Igbás**, nas **Giras e Gingas Periféricas**, no **Culto ÈFÒN e o Patrimônio Oloroke**, até o debate sobre **História e Cultura Afro-Brasileira para Educadores na Educação Básica**. Respectivamente, este número nos coloca ainda em contato com diálogos sobre **Cosmopolítica e Cosmofobia**, com a experiência narrativa do **Diário de uma Abiã**, de uma **Carta para Oxum**, da poesia **Não sou teu negro e das Sete Ondas**.

Sobre a Revista Calundu, que venham mais sete anos pela frente, e que os encantamentos dos textos que fazem parte dessa ciranda-gira sigam servindo de inspiração para os nossos percursos, favorecendo ainda mais os laços que nos aproximam.

Niterói (RJ), junho/24